

Performatização de gênero em cordéis do século XIX e início do XX

Luana Rafaela dos Santos de Souza

Mestra em Dinâmicas Territoriais e Cultura, Universidade Estadual de Alagoas. Pesquisadora do Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano – GELASAL
luana.analu@outlook.com

RESUMO

A presente pesquisa objetiva apresentar uma discussão a respeito da performatização de gênero na cultura do Nordeste, tecidos nos folhetos de cordel de Leandro Gomes de Barros (Pombal, 19 de novembro de 1865 – Recife, 4 de março de 1918). Sobre essa literatura, a de cordel, sabemos que se manifestou na oralidade, surgindo como testemunho de fatos e acontecimentos presentes na visão de mundo do poeta, passando de geração a geração. Nesse sentido, a literatura de Cordel, como artefato produzido por determinados grupos sociais, traz uma vivência peculiar, percepção sobre a condução humana, sobre determinadas instituições ou fenômenos, que nos provocam a refletir sobre a performatização de gênero. Ao abordar a cultura de gênero, trazemos o pensamento Falci (2004) e Albuquerque Júnior (2011) para refletir que os códigos de gênero são internalizados como se fossem coisas “naturais”, porque neles, a masculinidade é, desde cedo, definida pela competição, pela disputa em que se pretende derrotar outro homem, pela força ou astúcia. Em razão disso, há uma centralidade em torno do falo na vida do menino, pois ao brincar de boneca, era ameaçado de virar mulher. A pesquisa se situa como um estudo interdisciplinar com interfaces linguístico-literárias e cultural, em diálogo com pressupostos da Linguística *queer*. Serviram de aporte teórico Butler ([1990] 2003), Bakhtin (1981, 2002), Geertz (2008), Livia e Hall ([1997] 2010), Santos Filho (2012; 2015a; 2015b; 2015c) dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Leandro Gomes de Barros; Gênero; Linguística *queer*.

Introdução

Nossa proposta de pesquisa buscou analisar o que é ser mulher e qual a condição do feminino, aspectos tecidos nos folhetos de cordel de Leandro Gomes de Barros, poeta que viajou pelo sertão nordestino difundindo seus poemas, um dos poucos poetas populares a viver unicamente de suas histórias rimadas. De acordo com Barros (2015), um marco da trajetória de Leandro Gomes de Barros foi ter sido o primeiro cordelista a viver exclusivamente da venda de folhetos, iniciando, dessa forma, um movimento de criação e difusão de obras literárias impressas fora do circuito editorial culto.

Acerca da literatura de cordel ressaltamos que é uma das manifestações culturais mais marcantes da região Nordeste, tendo raízes lusitanas; o cordel veio-nos com o romanceiro peninsular, e possivelmente começam esses romances a ser divulgados, entre nós, já no século

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

XVI, ou, no mais tardar, no XVII, trazidos pelos colonos em suas bagagens, conforme Diégues Júnior (2012). Mesmo vindo de terras tão distantes foi nos Estados do Nordeste brasileiro que a vasta, atraente e forte literatura de cordel se expandiu.

Nesse entrelaçamento, esse gênero literário, constrói *script(s)* culturais que são forjados por hierarquias rígidas, já que constroem a realidade de homens e de mulheres ancoradas em comportamentos específicos, que buscam desde o nascimento (no espaço da própria cultura) diferenciar homens e mulheres ancorados em uma distinção que é também morfológica (FALCI, 2004).

Desse modo, os poemas de Barros são vistos nessa pesquisa não somente como uma manifestação artística, mas como uma manifestação cultural de caráter político-ideológico. Assim indagamos: como o poeta enxergou no cordel as mudanças sociais que fragmentavam as paisagens culturais tanto do gênero, quanto da sexualidade e como eram definidas as relações entre homens e mulheres?

O objetivo desta pesquisa é analisar as relações de gênero e sexualidade nos folhetos intitulados **Mulher em tempo de crise**, **Os sofrimentos de Alzira** e **A força de Amor de Alonso e Marina** do poeta Leandro Gomes de Barros. Esse objetivo abrange outra questão específica: problematizar a relação sujeito, linguagem, significado e identidade, compreendendo o(s) modo(s) de ser feminino (e masculino) nos folhetos de cordel mencionados.

Literatura e cordel como artefato cultural

Conforme Alves (2013), se a literatura de cordel traz uma vivência peculiar de determinados grupos sociais, se aborda questões humanas, certamente ela terá um significado para outros leitores, considerando que apresenta uma experiência humana de pessoas simples, mas nem por isso desprovidas de vivências interiores, de percepção muitas vezes aguda sobre a condição humana, sobre determinadas instituições ou sobre fenômenos da natureza.

De acordo com Barroso (2012), a literatura de cordel teve início primeiramente na forma de cantigas trovadorescas, auxiliadas por instrumentos musicais. Segundo informa, o trovadorismo estabeleceu uma ponte entre a literatura de cordel em Portugal e a literatura de cordel no Brasil, porque foi trazido pelos colonizadores que aqui chegaram. Assim, as cantigas incorporam os aspectos culturais brasileiros em sua poética, adaptação que ficou conhecida como cordel. Barroso (2012) fala que esse gênero literário ficou conhecido porque

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

suas folhas eram expostas através de barbantes, para serem comercializadas nos mercados ou nas feiras livres. Devemos entender que a função social que esse gênero literário ocupava na sociedade nordestina era a de ser um dos principais veículos de informação, quando ainda não existia o rádio e o jornal era um veículo escasso. Estava presente nos mercados, nos serões familiares e nas feiras livres.

Grillo (2007) ressalta que as principais características dos folhetos são a “impressão em papel pardo, medindo cerca de 12 cm x 18 cm, com oito, 16 ou 32 páginas e contendo ilustrações em xilogravuras” (GRILLO, 2007, p.124). Para a pesquisadora, o cordel ocupa vários níveis, tais como o simbólico, o artístico, o cultural, o social, o político, o econômico, o histórico e, especialmente, o linguístico. Mesmo a literatura de cordel sendo impressa e oferecida a uma população em grande maioria analfabeta, encontrava um enorme público, porque a leitura era feita por um “cantador”, o que atraía ouvintes. A pesquisadora explica que existe facilidade em assimilar as histórias narradas, porque são feitas com rimas, contadas e recontadas, o que facilita sua memorização.

A percepção de Antunes (2012) é de que a literatura cria um mundo particular, mas um mundo à “imagem e semelhança” do nosso, incorpora visões de mundo, vivências, costumes e valores que perpassam a sociedade de uma dada época. A autora supracitada explica-nos que essa fuga para o imaginário já provoca um ar de inusitado ao texto literário. Argumenta também que a fuga ao mundo real legitima as reinvenções de outros “modos de dizer” o outro mundo simbolicamente criado ou recriado, culminando também na “construção de um novo jeito de dizer” ou de “desconstrução da linguagem”. Por essa compreensão de literatura, as narrativas de cordel constituem um artefato histórico, porque envolvem o exercício de escutar a história para elaborar mais um *projeto político* de performatização¹, do que um projeto de representação (Butler, 2003).

Relações de gênero na cultura nortista

Ao abordar a cultura do/sobre o feminino, trazemos o pensamento de Fraisse e Perrot (1991), que destacam que a imagem de um século XIX sombrio e triste, austero e opressivo para as mulheres é uma performatização espontânea. Para as pesquisadoras, esse século repensou a vida das mulheres como o desenrolar de uma história pessoal submetida a uma

¹ Os supostos “projetos de representação” são entendidos como atividades performativas, que buscam autorizar sujeitos e sentidos.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

codificação coletiva precisa e socialmente elaborada. Seria, porém, errado pensar que essa época é apenas o tempo de uma longa dominação, de uma absoluta submissão das mulheres (FRAISSE E PERROT, 1991).

Diante disso, podemos entender que a crítica da linguagem tornou na história das mulheres uma operação indispensável, se não prioritária. Nesse sentido, Fraisse e Perrot (1991) argumentam que é preciso refletir acerca da maneira como os fatos e os relatos são agenciados. Nesse entrelaçamento, a fim de investigarmos mais sobre os modos de ser e viver das mulheres nortistas, Falci (2004) pontua que as mulheres do Sertão nortista² ao nascerem são chamadas de “mininu fêmea” e que nelas foram moldados determinados comportamentos, atitudes, pensamentos e posturas.

As mulheres que Falci (2004) faz referência são aquelas que viveram no século XIX, que habitaram as províncias do Piauí e Ceará, e que aparecem (são construídas) pela literatura de cordel, em testamentos, inventários ou livros de memórias. As mulheres ricas ou as que integram a elite intelectual aparecem nas páginas de inventários, em livros, com suas joias, posse de terras e escravos (FALCI, 2004). Assim, existe a dificuldade em conhecer a vida das mulheres pobres livres, as lavadeiras, as doceiras, as costureiras e rendeiras – tão conhecidas nas cantigas de cordel do Norte, as apanhadeiras de água nos riachos, as quebradeiras de coco e parteiras. Sobre todas essas, temos mais dificuldade em conhecer, porque não deixaram nenhum legado. Eram em grande parte analfabetas.

Na compreensão de Falci (2004), existia uma organização social no Norte que gerou uma sociedade fundamentada no patriarcalismo, marcada pela estratificação existente entre homens e mulheres, entre ricos e pobres, entre escravos e senhores, entre “brancos” e “caboclos”. Ela observa que existia um grande número de casamentos inter-raciais, pois os homens formavam famílias com pardas e caboclas. Falci (2004) salienta que havia hierarquias rígidas, que colocavam a figura do homem no centro das questões. Conforme argumenta,

Hierarquias rígidas, gradações reconhecidas: em primeiro lugar e acima de tudo, o homem, o fazendeiro, o político local ou provincial, o “culto” pelo

² Acerca da cultura nortista argumentamos de acordo com Albuquerque Júnior (2011) que até meados da década de 1910, o Nordeste não existia, porque ninguém pensava o Nordeste; os nordestinos não eram percebidos e nem criticados. Para o pesquisador, o Nordeste é filho da ruína da antiga geografia do país, segmentada entre “Norte” e “Sul”. O espaço “natural” do antigo Norte cederá lugar a um espaço artificial, a uma nova região, o Nordeste. Entendendo que o Nordeste não é uma coisa inscrita na natureza, não foi a natureza que definiu o Nordeste, foram os homens que fizeram isso em um determinado momento histórico, entre o fim da década de X e o início da década de XX do século XX. Nesse sentido, a invenção do Nordeste ocorre através da reelaboração das imagens e enunciados que construíram o antigo Norte, feita por um novo discurso regionalista, e como resultado de uma série de práticas regionalistas, dos embates no interior das próprias elites nacionais.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

grau de doutor, anel e passagem pelo curso jurídico de Olinda ou Universidade de Coimbra, ou mesmo o vaqueiro (FALCI, 2004, p. 242).

A esse respeito, buscamos fundamentação no pensamento de Albuquerque Júnior (2011), para refletir sobre as relações de gênero especificamente nessa região. O historiador discute acerca da construção da masculinidade no Norte/Nordeste, ressaltando que por ter vivido durante muito tempo sem a presença mais imediata da autoridade do Estado, esse homem sertanejo teria desenvolvido um enorme espírito de liberdade, que teria sido, inclusive, o propulsor do povoamento dos sertões. Desse modo, ele explica que o homem que foi para o Sertão do Norte o fez em busca da liberdade, muitos deles cristão-novo a fugirem das garras da Inquisição, outros criminosos degradados que viam no interior a chance de fugir à prisão. Homens dispostos a não se submeterem nunca, homens rudes, embrutecidos nas lutas em que garantiam a própria vida, frisa esse historiador.

Assim, Albuquerque Júnior (2011) destaca que a cultura desse homem era rústica, assim como ele próprio, cultura que garantia, no entanto, sua sobrevivência, nascida da adaptação do homem às condições naturais e sociais de seu espaço, fruto de uma história que precisava ser lembrada, uma cultura tradicional, advinda do passado, e que se viu agora ameaçada pela invasão de uma cultura estranha trazida pela cidade.

Nessa compreensão, estamos tomando a literatura de cordel como artefato cultural, objetivando investigar como no século XIX esse artefato construiu a noção de mulher, como construiu as mulheres e as relações de gênero. Assim, para alcançar tal objetivo foi preciso dialogar com essa cultura de gênero no século XIX.

LINGUÍSTICA QUEER

De acordo com Livia e Hall (2010) os principais conceitos úteis à Linguística são: i) a noção de “eu” como sujeito não pré-discursivo; ii) a ideia de que o significado não é transcendental, ou seja, ele não pode representar; iii) a iterabilidade do discurso; iv) a ideia de que os dêiticos não são mais um conjunto limitado; v) o conceito de performatividade. Desse modo, distanciamos-nos da visão tradicional da linguagem que postula que falar é descrever ou representar as coisas do mundo, porque linguagem falha ao representar.

Para compreender LQ e linguagem faz-se necessário pensarmos sobre o sujeito que fala e que age, entendido como um efeito de poder no qual implica esquemas de normalizadores de inteligibilidade e seus efeitos de subversões, em cenas discursivas e/ou

interpelativas, como propõe Santos Filho (2015b). Nesse sentido, o pesquisador esclarece que as enunciações não são expressões de si ou de um suposto lugar do(a) falante, são “decisões” sobre corpos, porque desencadeiam modos de “fazer” um corpo dentro das convenções. Nessa direção, ação da linguagem gera processos de “fazer” um corpo masculino ou feminino dentro do nosso *script* cultural.

A partir dessa maneira de compreender a LQ e linguagem, almejamos enfatizar que a “nomeação” de um corpo produz o indivíduo que nomeia, por exemplo, quando alguém é chamado de crioulo, bicha, viado ou sapatão este alguém passa a ser intimado a se reconhecer nessa posição de sujeito, admitindo, desse modo, o caráter performativo da língua(gem), ou seja, que a nomeação produz o indivíduo que nomeia, frisando que tais palavras de insulto não são neutras (LOURO, 2015).

Dessa maneira, a Linguística *Queer* se configura como a volta da performatividade aos estudos em linguagem. Nessa compreensão, Santos Filho (2015) argumenta que nos interessa entender que a noção de corpos mediados por práticas discursivas é sustentada porque se compreende que os corpos, os sujeitos, não são substantivos, pois não são portadores de atributos essenciais, grudados à morfologia. Para ele,

Nesse raciocínio, pós-estruturalista, a vida, que nunca está decidida de uma vez por todas, é animada pela língua(gem), sendo a língua(gem) compreendida como “prescrição” acerca de seus “objetos de discurso”, pois interpela os sujeitos, “convida”-os a aceitar (ou rejeitar) a vida ali “falada”. Dessa maneira, o ato de fala inicia um processo de tessitura sobre o (s) sujeito (s) ali representado (s), para si, para eles (s) “representado (s)” e para os demais interlocutores. (SANTOS FILHO, 2015b, p.17).

Assim, entendemos que os enunciados são construídos em diálogo com a autoridade moral. Logo, entender a estrutura do discurso é relevante para compreender o modo como a autoridade moral é introduzida e sustentada, uma vez que se o discurso está presente não apenas quando nos dirigimos ao Outro, mas também passamos a existir no momento em que o discurso nos alcança (SANTOS FILHO, 2017).

Desse modo, “projetos de representação”, de performatização buscam a humanização ou desumanização, estando presentes em diversos gêneros, entre eles, o cordel, porque certamente, a(s) mulher(es) e homens que fugiam dos padrões sociais da sociedade da época no Norte do século XIX, levavam uma vida precária, uma vida não reconhecida, por isso, não válida.

Nessa perspectiva, é uma pesquisa de caráter interdisciplinar, ou mesmo indisciplinar, que agencia uma diversidade de construtos teórico-metodológicos, objetivando compreender as construções de subjetividades, os sentidos de mulher(es), nos cordéis do poeta Leandro Gomes de Barros, entendidos na condição de performatividade.

Assim, visamos ocupar o lugar de cientista linguístico-cultural, um lugar de interpretação do(s) significado(s), enxergando a literatura de cordel e sua constituição linguístico-discursiva, cultural, histórica, política e ideológica em diálogo com questões identitárias de gênero (e de sexualidade) como partícipe da luta discursiva frente aos modos de ser mulher (e ser homem) no século XIX.

Nesse sentido, uma leitura *queer* dos folhetos de cordel se configurar, por uma etnografia na perspectiva da *etnolinguística da fala viva ordinária*, na qual a linguagem é vista como “atos de fala”. Explicamos que a *etnolinguística da fala* é uma postura metodológica revolucionária abordada por Bakhtin/Volochínov, na qual a linguagem é tratada como um processo interativo do sujeito sobre/no mundo, noção de sujeito concebida como sujeito situado, na qual o contexto histórico e social integra a enunciação. Assim, a manifestação do poeta Leandro Gomes de Barros pela língua, em direção aos “outro”, sejam eles cangaceiros, tocadores, boiadeiros, sertanejos e sertanejas, de modo geral está inserida em determinada situação e contexto histórico.

Performatização de gênero em cordéis do século XIX (e início do XX)

A análise se dá através de fragmentos de três folhetos, visto que os trechos selecionados possibilitam refletir acerca dos efeitos de sentidos, na performatização de mulher(es), produzidos nos folhetos em leitura. Nessa teia de significados, as concepções de Geertz (2008) são relevantes para investigarmos, também, a relação que os excertos de cordéis estabelecem entre si e, ainda, o distanciamento, a relação do texto com outros cultural ou historicamente semelhantes e sua relação com aqueles que, de alguma forma, o constroem, bem como a sua relação com “realidades” consideradas externas aos cordéis (GEERTZ, 2014).

Assim, a nossa análise vai sendo tecida através de uma metodologia mediante a categorização de mulher(es) no cordel. Nessa perspectiva, o trabalho metodológico, analítico e interpretativo envolvendo os fragmentos de cordel possibilita interpretar marcas e

articulações enunciativas que performatizam o feminino (e o masculino). Desse modo, seguindo tais critérios, apresentamos os excertos de cordel e a análise.

Dessa maneira, é por meio do excerto da categorização da mulher como “inda menina”, “moça”, “esposa”, “mãe” e “sogra” e seus diversos papéis e tempos, no folheto *Mulher em tempo de crise*, que estruturamos a análise da presente pesquisa. Inicialmente, interrogamos qual o projeto performativo de mulher nesse folheto, a partir dessa instituição de modos e tempos diferentes de ser mulher. Vejamos o excerto 1

Excerto 1:

(...)
 A mulher inda **menina**
 É um archanjo inocente
 Como **moça** é uma flor,
 Como **esposa** uma semente,
 Como **mãe** é um sacrário
 Como **sogra** uma serpente
 (BARROS, s.d., p. 4).
 (...)
 A mulher inda **menina**
 É um archanjo inocente
 Como **moça** é uma flor,
 Como **esposa** uma semente,
 Como **mãe** é um sacrário
 Como **sogra** uma serpente
 (BARROS, s.d., p. 4).

Nesse folheto de dez páginas e sessenta e quatro estrofes, o poeta faz comparações acerca da mulher como menina, moça, esposa, mãe e sogra. As mulheres são construídas por um processo de predicação, marcadas temporalmente, evocando o tempo para tal característica, como em “inda menina”, “como moça”, “como esposa”, “como mãe” e “como sogra”, seja uma descrição que vise qualificar através de aspectos positivos, a exemplo de “como moça é uma flor”, porque no imaginário social tal comparação performatiza a mulher como meiga, doce, frágil e delicada, ou através de aspectos negativos, como no caso da sogra, a exemplo de “como sogra uma serpente”, pois tal comparação performatiza a sogra como perigosa, traiçoeira e má.

Nessa pesquisa, no procedimento analítico, interpretamos as marcações sobre a mulher, *inda menina*, *como moça*, *como esposa*, *como mãe*, no sentido de que essa categorização diz respeito ao procedimento em que as palavras e expressões (citações) que são mobilizadas na/para a performatização de mulher(es) (ou de homens) no cordel se dão em redes de significados, tecidas pelas ações linguístico-discursivas, integrando uma ordem do

discurso. Essa é uma noção pensada por Geertz (2008), possibilitando enxergarmos a cultura na perspectiva semiótica, compreendendo a(s) cultura(s) como se fossem textos e os textos como cultura(s). Sintetizando as ideias formuladas, Geertz (2008) assegura que:

Os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um “nativo” faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura). Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são “algo construído”, “algo modelado” – o sentido original de *fictio* – não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento (GEERTZ, 2008).

Nessa direção, a partir da literatura de cordel buscamos investigar a performatização da cultura de gênero, da cultura das relações entre masculino e feminino. No excerto 1, o uso da partícula “como” em “Como moça é uma flor” a princípio organiza uma figura de comparação, é comparativo. No entanto, também se torna uma marcação temporal nessas construções, pois constrói do mesmo modo a passagem temporal de menina, à moça, à esposa, à mãe e à sogra. Ao serem feitas tais distinções, os sentidos de mulher(es) vão se modificando, ora com aspectos positivos como em “A mulher inda **menina**/É um archanjo inocente”, ora com aspectos negativos em “como **sogra** uma serpente”, como já anunciamos anteriormente.

Na performatização da menina, o poeta usa a metáfora “A mulher inda **menina**/ **É um archanjo inocente**” para construir sentidos de mulher nesse momento ou nesse ciclo da vida como doce e pura, um anjo. Desse modo, a citação mobilizada pelo poeta reitera o discurso bíblico da mulher como um ser angelical. A performatização da mulher no papel de mãe ocorre também por meio de citação do discurso bíblico, pois o termo “sacrário”, em “como mãe é um sacrário”, significa lugar ou reservatório onde se guardam coisas sagradas, tais como as hóstias e as relíquias. Assim, podemos interpretar que a performatização de “mãe” se dá pela questão do “poder simbólico” do sagrado”, sendo a religião uma das principais vias.

Na performatização da mulher como “esposa”, o poeta com o uso também da metáfora com “semente”, em “como **esposa** [é] uma semente”, mobiliza uma citação que performatiza a mulher como reprodutora, possivelmente porque o século XIX é considerado o século da mãe, no qual se fundamenta a valorização do papel materno nos comportamentos de piedade sentimental, típicos de uma devoção feminina (PERROT E FRAISSE, 1991).

Percebemos ser possível entender que essa categorização já é algo cultural, que, vindo desses lugares apontados, espriaram-se na linguagem no imaginário social, arraigada no

coletivo como uma construção simbólica, que cria uma “identificação”, instituindo uma sociedade. Assim, é por meio da categorização da mulher em diferentes ciclos ou momentos de vida como “inda menina”, “como moça”, “como esposa”, “como mãe” e “como sogra”, que ocorre o natural fechamento dos sentidos e subjetividade da(s) mulher(es) baseado em uma ordem biológica de caráter religioso (SILVA, 2009).

As reflexões de Chiapin (1998), Leitão (1981), Oliveira (2012) e Pesavento (2007) ajuda-nos a compreender que o discurso no imaginário social é também incorporado no discurso do poeta, de modo a adjetivar as sogras como “serpentes”, “jararacas”, “sucuris” etc., propagando sentidos desse modo de ser mulher como um ser “peçonhento”. Assim, o poeta performatiza a mulher sogra por um processo de predicação que paira sobre o conhecimento popular, que implica em generalizar a sogra como uma mulher falsa, traiçoeira, perigosa e enganadora.

Em *Os sofrimentos de Alzira*,

Excerto 2:

Alzira, desde criança
Que era compadecida.
 Dava pequeno valor
 Aos objetos da vida.
Visitava os hospitais
 Inda que fosse escondida.
 Das iguarias da mesa
 Ela mandava um quinhão
Para dar àqueles pobres
Que mais tinham precisão
Principalmente os doentes
Que não tinham remissão.

Tal como nesse excerto 2, Alzira vai sendo constituída por um processo de predicação, uma descrição que vise qualificá-la, ou desqualificá-la. Nesse caso, a predicação passa a ser a pista para se identificar o objeto de que se fala, o objeto de discurso, de performatização. Pela análise, Alzira tem um futuro pré-estabelecido, porque “desde criança era **compadecida**”, performatizada como “menina” que não dava valor aos objetos materiais e caridosa pelas ações que realizava como em “visitava hospitais/ Ela mandava um quinhão para dar àqueles pobres/Que mais tinham precisão”, estando sua existência criada sob o domínio da religião. Sendo assim, a religião é um dos sistemas de dominação presentes nas narrativas de cordel, porque performatiza as ações de mulher(es) e homem(ns) a uma ordem cósmica imaginada, uma sociedade ideal no plano da experiência humana. Assim, o comportamento da

personagem Alzira está conectado aos padrões culturais da época, tendo um aspecto duplo, pois dão significado à realidade social de sertanejos/sertanejas, cangaceiros/cangaceiras, cantadores, tocadores, comboieiros, feirantes, e vaqueiros, que eram interpelados a agirem em conformidade a tal padrão cultural e, ao mesmo tempo, modelando-a a ele mesmo (GEERTZ, 2008). Nessa leitura, os símbolos sagrados interpelam mulher(es) e homem(ns) a assumir determinados papéis nas narrativas de cordel. Nessa direção, percebemos que a perspectiva religiosa tecida por Leandro Gomes de Barros possui esse duplo aspecto, porque a partir da realidade ficcional passa da chamada realidade para esse outro universo de performatização mulher(es) e homem(ns), sendo a perspectiva religiosa um modo interpretar os fenômenos sociais, compreender, construir a realidade.

Que mulher “como moça” o poeta constrói em *A força de Amor de Alonso e Marina*?

Excerto 7:

Pelas mercês de Marina
 Alonso pode estudar
 Marina não tinha mãe
Se sujeitava tirar
 Do dinheiro do Barão
 Para Alonso sustentar
 (...)
 Amanhã, pelas dez horas,
 Você procura o barão,
 Chegue lá, declare a ele
 Que pretende a minha mão,
 Conforme o que ele disser,
 Eu tomo resolução
 (BARROS, 1957, p.4).

Leandro Gomes de Barros, no referido folheto, dialoga com elementos de origem europeia como nos excertos anteriores, a incorporação de personagens tais como duque, conde, dama, Barão, Princesa e reinos distantes. Nessa compreensão, o texto literário cordel se lança para fora da configuração formal corriqueira, incorporando elementos de origem europeia, provocando admiração e gosto, estimulando o mundo da fantasia, o mundo do imaginário ou a de um mundo no qual o “real” é transposto a um mundo imaginativo, de ficção, para além do palpável/concreto (ANTUNES, 2012). Desse modo, argumentamos que a literatura cria um mundo particular, mas um mundo à “imagem e semelhança” do nosso, pois incorpora visões de mundo, vivências, costumes e valores que perpassam a sociedade de época. A incorporação desses elementos aparece nos excertos seguintes como em *A força de Amor de Alonso e Marina*, que há elementos de origem europeia, tal como a figura do Barão,

performatizado-o nessa narrativa como homem pertencente à nobreza do estado, fazendo parte da elite e tendo muito poder aquisitivo. A citação reiterada pelo poeta remete ao período da monarquia, no qual os títulos de nobreza marcavam uma relação de hierarquia, e que foram também criados com o intuito de estabelecer uma relação de vassalagem entre o titular e o monarca. Considerando o período colonial, a monarquia no Brasil se iniciaria desde 1808 com D. João, elevando a colônia à categoria de Reino Unido, compreendendo um período localizado no século XIX.

Como vimos, Leandro Gomes de Barros é considerado um dos maiores poetas da literatura de cordel, considerado um dos poucos poetas populares a viver unicamente de suas histórias rimadas. Foi o primeiro cordelista a viver exclusivamente da venda de folhetos, iniciando, dessa forma, um movimento de criação e difusão de obras literárias impressas fora do circuito editorial culto. A inferência de elementos de origem europeia ocorre devido a própria origem do cordel que se deu na Espanha, espalhando-se para Portugal e chegando ao Brasil, incorporando uma série de elementos de várias culturas.

Nesse cordel, o Barão tem uma filha que se chama Marina, moça de família nobre, portanto. Marina se apaixona por Alonso, jovem de origem humilde. No entanto, o relacionamento dos dois é proibido. Nessa narrativa, a proibição do relacionamento de Alonso e Marina ocorre por causa das origens sociais diferentes. Logo, podemos inferir que o casamento da moça da elite nortista foi forjado através de um acordo baseado na posição econômica, havendo uma preocupação com o relacionamento das moças da elite, já que Marina é performatizada como moça rica e educada (de família ilustre). Nessa concepção, o reconhecimento social era marcado pelo *status* econômico e também por uma questão racial. Assim, segundo Falci (2004), havia um ideal de mulher no Sertão, que era ser filha de homem de grande poder aquisitivo, ter a pele branca, ser herdeira de escravos, gados e terras, já Alonso é performatizado como homem pobre. No excerto citado, a mulher é performatizada como moça, para quem os sentidos construídos são de caráter religioso, através de suas ações de praticar benefícios, benignidades, bondades, favores, caprichos que possibilitam Alonso a estudar.

Considerações finais

A literatura de cordel, como sabemos, vai além de uma manifestação artística, pois consiste em uma manifestação cultural de caráter político-ideológico. Em nossa leitura buscou

interpretar e assim desestabilizar a normatividade através do cordel. Nessa direção, a análise dos excertos possibilitou-nos problematizar ideias e conceitos tecidos acerca das relações de gênero que perpassam na literatura de origem popular, interpretando a performatividade de gênero nos folhetos de cordel. A pesquisa realizada aponta para uma cultura que se aproxima de um projeto de performatização no qual tanto o masculino quanto o feminino são ancorados por barreiras rígidas, de modo que a(s) mulher(es) seriam educadas para se tornarem mães, esposas, donas de casas e educadoras do(a)s filhos/filhas. Nessa compreensão, como procuramos demonstrar ao longo das análises, as mulheres na cultura nortista do século XIX não tinham muitas atividades fora do lar, pois eram educadas desde cedo a aprenderem o papel de mãe e as “prendas domésticas”, tais como orientar os filhos, costurar, bordar, cozinhar etc.

Nessa categorização, encontramos um projeto de performatização de papéis a serem assumidos pela mulher, a exemplo de que ela será mãe após ser esposa e de que talvez tenha um futuro já determinado como esposa, mãe e sogra. Nesse sentido, apontamos que a performatização da mulher “inda menina”, como “moça”, como “esposa”, como “mãe” e como “sogra” ocorre por projeto de performatização no qual os recursos semióticos e as citações mobilizadas autorizam a(s) mulher(es) como una, vistas, dessa maneira, como “mãe”, “justa”, “educadora”, “religiosa”, “protetora”, “recatada” e “submissa”. Tal projeto de performatização em torno de mulher(es) séria, protetora, religiosa, educadora e homem(ns) viril, rude, tradicional é uma estratégia usada pela poeta para se opor a identidade/”gênero” que estava em crise na cultura nordestina.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ALVES, José. **O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino**. In: *Leitura de Literatura na Escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

BARROSO, Helenice. **Cordel: uma poética da oralidade e do riso**. In: *Mesa Redonda - "Folhetos de Cordel, memória e percursos"*, organização IELT/Memória Imaterial. 20'20"

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=54uo3rXiOYI>>. Acesso em 24 de out. 2014.

BARROS, Leandro Gomes de. **A mulher em tempo de crise**. Recife: Ed. Prop. João Martins de Athayde, 1925.

BARROS, Leandro Gomes de. **A força de Amor de Alonso e Marina**. Juazeiro do Norte: Ed. Prop. José Bernardo da Silva, 1957.

BARROS, Leandro Gomes de. **Os sofrimentos de Alzira**. In: MEDEIROS, Irani. No reino da poesia sertaneja: antologia Leandro Gomes de Barros. João Pessoa: Idéia, 2002.

BARROS, Miguel Pereira. **Relações de gênero na literatura de cordel**. Curitiba: Appris, 2015.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética: A teoria do romance**. São Paulo, Hucitec, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHIAPIN, G., Araújo, G. y Wagner, A. **Sogra-nora: como é a relação entre estas duas mulheres?** Psicologia: Reflexão e Crítica, 1998.

DIÉGUES JÚNIOR, M. **Ciclos temáticos na literatura de cordel**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

FALCI, Miridan Brito Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. Ordens e liberdades. In: **História das mulheres no Ocidente**. O século XIX. BUDY, G. & PERROT, M. (orgs). Porto: Afrontamento, V. 4. São Paulo: EBRADIL, 1991.

GEERTZ, Clifford. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

GERRTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GRILLO, Maria Ângela Faria. **Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos**. In: Esboços, v. 14, n°. 17, Santa Catarina, 2007.

LÍVIA, Anna; HALL, Kiria. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. In: Anna Christina Osterman e Beatriz Fontana (Org.). **Linguagem, gênero e sexualidade – clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

LOURO, Guacira Lopes. Educação e Saúde: Aprendizados. In: **Primeiro Seminário Queer**. Sesc. 26'20". Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=7KLMTn42lzE>>. Acesso em 28 de dezembro de 2015.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **Da emergência da Linguística *Queer***. In. Seminário de Pesquisa: Introdução à Linguística *Queer*. Programa de Pós-Graduação em Letras. Maringá: UEM, 2015b.

PASAVENTO, Sandra Jatahy; DIMAS, Antonio; Leenhardt, Jacques (orgs.). **Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; São Paulo: Editora da USP. 2006.